



**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS - UNIFTC
COLEGIADO DO CURSO DE FARMÁCIA**

**ELI WELINGTON SANTOS MATOS
KAWAN SIMÃO MATOS
MÁRCIO RICARDO DA SILVA JÚNIOR**

**A AUTOMEDICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: UMA REVISÃO
DE LITERATURA**

JEQUIÉ - BA

2021

**ELI WELINGTON SANTOS MATOS
KAWAN SIMÃO MATOS
MÁRCIO RICARDO DA SILVA JÚNIOR**

**A AUTOMEDICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: UMA REVISÃO
DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Tecnologia e Ciências - UNIFTC, conforme regulamento do Curso de Farmácia, sob requisito avaliativo para obtenção da aprovação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Profa. Msc. Tâmpiles Daiane Borges Santana.

JEQUIÉ - BA

2021

ELI WELINGTON SANTOS MATOS
KAWAN SIMÃO MATOS
MÁRCIO RICARDO DA SILVA JÚNIOR

**A AUTOMEDICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: UMA REVISÃO
DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Farmácia da Faculdade de Tecnologia e Ciências - UNIFTC, Campus de Jequié/Ba, sob requisito para obtenção do Grau de Bacharel em Farmácia.

Aprovado em: 17/12/2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

Tamiles Daiane Borges Santana.

Tamiles Daiane Borges Santana - Orientadora
Mestre em Ciências da Saúde
Docente da Faculdade de Tecnologia e Ciências (UNIFTC)
Orientadora

Catiule de Oliveira Santos

Catiule de Oliveira Santos
Mestre em Ciências
Docente da Faculdade de Tecnologia e Ciências (UNIFTC)
Examinadora

Ana Márcia Silva Mascarenhas

Ana Márcia Silva Mascarenhas
Especialista em Urgência e Emergência
Examinadora Externa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	MÉTODOS.....	8
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	10
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
	REFERÊNCIAS.....	19

A AUTOMEDICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Eli Welington Santos Matos¹.
Kawan Simão Matos².
Márcio Ricardo da Silva Júnior³.
Tâmiles Daiane Borges Santana⁴.

RESUMO

A OMS define a automedicação como o uso de medicamentos, incluindo chás e produtos tradicionais utilizados por pessoas para tratar doenças autodiagnosticadas ou sintomas. Com o *boom* da pandemia, essa prática elevou-se exponencialmente ao redor do mundo. Neste sentido, este estudo teve por objetivo analisar quais fatores corroboraram para a prática de automedicação como estratégia de prevenção e tratamento à Covid-19. Para tanto, a metodologia empregada foi a revisão de literatura narrativa de artigos publicados entre 2020 e 2021 nas bases de dados PubMed, BVS e SciELO. As buscas foram realizadas no período que correspondeu de 28 à 30 de outubro/2021. Foram encontrados 05 estudos. Os 05 artigos revisados, traziam dados de países como Brasil, Perú, e de países africanos como Nigéria, Etiópia, Togo, Quênia. Os resultados da revisão demonstraram que dois fatores corroboraram para a automedicação, sendo que no Brasil e Perú foram questões ideológicas enquanto nos países africanos foram questões sociais. Ao final do estudo, sugere-se que mais pesquisas sejam desenvolvidas relatando, disseminando e sensibilizando quanto as controvérsias acerca de medicamentos sem eficácia, bem como os efeitos e repercussões do uso inadequado de medicamentos.

Palavras-Chave: Automedicação. Covid-19. Pandemia.

¹ Discente do Curso de Farmácia do Centro Universitário UNIFTC de Jequié (UNIFTC/JQ). E-mail: eliwelington@gmail.com

² Discente do Curso de Farmácia do Centro Universitário UNIFTC de Jequié (UNIFTC/JQ). E-mail: kawanmatos95@gmail.com

³ Discente do Curso de Farmácia do Centro Universitário UNIFTC de Jequié (UNIFTC/JQ). E-mail: ninho_silva33@hotmail.com

⁴ Orientadora. Professora do Curso de Farmácia do Centro Universitário UNIFTC de Jequié (UNIFTC/JQ). E-mail: tdborges.jeq@ftc.edu.br.

SELF-MEDICATION DURING THE COVID-19 PANDEMIC: A LITERATURE REVIEW

ABSTRACT

The WHO defines self-medication as the use of medicines, including teas and traditional products used by people to treat self-diagnosed illnesses or symptoms. With the boom of the pandemic, this practice has increased exponentially around the world. In this sense, this study aimed to analyze which factors corroborated the practice of self-medication as a prevention and treatment strategy for Covid-19. Therefore, the methodology used was the narrative literature review of articles published between 2020 and 2021 in the PubMed, VHL and SciElo databases. The searches were carried out in the period from October 28 to 30, 2021. 05 studies were found. The 05 articles reviewed brought data from countries such as Brazil, Peru, and from African countries such as Nigeria, Ethiopia, Togo, Kenya. The results of the review showed that two factors corroborated for self-medication, being that in Brazil and Peru they were ideological issues while in African countries they were social issues. At the end of the study, it is suggested that more research be carried out reporting, disseminating and raising awareness of the controversies about ineffective drugs, as well as the effects and repercussions of inappropriate drug use.

Keywords: Self-medication. Covid-19. Pandemic.

1 INTRODUÇÃO

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou pela primeira vez que uma pneumonia de causas desconhecidas havia sido detectada em Wuhan/China. Apenas trinta dias depois, o surto do vírus foi registrado como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. E em 11 de março de 2020, em razão da disseminação comunitária em todos os continentes do mundo, a Covid-19 foi classificada como pandemia mundial (BRASIL, 2020a).

Como medidas de contenção e enfrentamento à essa emergência pública na saúde, a OMS recomenda a adoção de três protocolos: isolamento e tratamento dos casos identificados, condutas sanitárias e distanciamento social. Até a data desta revisão, o vírus tem infectado mais de 259 milhões de pessoas e causado cerca de 5 milhões de óbitos ao redor do mundo (OPAS & OMS, 2021).

A Covid-19 que é caracterizada por uma acelerada transmissibilidade, manifesta-se através de sintomas leves como febre, cansaço e tosse seca. Algumas pessoas podem apresentar sintomas progressivos como dor de cabeça, dores musculares, congestão nasal, dor na garganta, conjuntivite, perda de paladar ou olfato, diarreia, descoloração dos dedos das mãos e dos pés e erupção cutânea na pele. Contudo, é comum uma condição clínica assintomática (OPAS & OMS, 2021). Já em populações específicas como idosos e/ou com comorbidades como hipertensão, diabetes, doenças pulmonares e cardíacas podem manifestar-se as formas mais graves da doença, devendo ser monitoradas pelos sistemas de saúde com maior cautela (LIMA et al., 2020).

É salutar informar que apesar das vacinas serem consideradas seguras e eficazes, sendo inclusive aprovadas por autoridades regulatórias nacionais (no mundo, um total de 7.702.859.718 doses de vacinas foram administradas), ainda se faz necessário tomar todas as medidas para evitar novas infecções pelo vírus (OPAS & OMS, 2021), uma vez que não existem estratégias farmacológicas terapêuticas e/ou profiláticas específicas apresentando as devidas evidências científicas que atestem sua eficácia contra a Covid-19 (LIMA et al., 2020).

Ainda assim, houve/há uma intensificada procura em farmácias comerciais e/ou de manipulação por medicamentos que previnam ou tratem a Covid-19, resultando em uma prática denominada de automedicação (PITTA et al., 2021). A OMS define essa prática como o uso de medicamentos - incluindo chás e produtos tradicionais - por pessoas para tratar doenças autodiagnosticadas ou sintomas (WHO, 1998).

No entanto, a automedicação pode desencadear um uso abusivo e irracional de medicamentos (polimedicação e medicação *off-label*), ocasionar efeitos indesejáveis, enfermidades iatrogênicas e mascarar doenças evolutivas, além de onerar os custos tanto para os sistemas de saúde quanto para o paciente (MELO et al., 2021). Pesquisas recentes demonstraram que no primeiro semestre de 2020, no *boom* da pandemia, houve um aumento alarmante nas buscas online sobre automedicação, sobretudo, por medicamentos como hidroxicloroquina (cloroquina), ivermectina, azitromicina, ibuprofeno, lopinavir (ritonavir) e vitamina C (LIMA et al., 2020; SILVA et al., 2021).

Diante do exposto, a presente revisão justifica-se através do reconhecimento da necessidade em sistematizar evidências científicas de benefício clínico e segurança que contestem a automedicação contra a Covid-19. Ademais, a perspectiva de prevenção e cura não deve induzir a população a acreditar em *fake news* produzidas por infodemias e conseqüentemente, a utilizar medicamentos que não tiveram seus potenciais efeitos comprovados para o tratamento do vírus. Adverte-se ainda que a automedicação provocou ao redor do mundo, um desabastecimento nas farmácias de um grupo de medicamentos com propriedades antiparasitária ou antibiótica, bem como de vitaminas e minerais, o que afetou o tratamento de pessoas que de fato, precisavam de tais medicamentos para a tratar doenças crônicas como artrite reumatoide ou lúpus por exemplo (MELO et al., 2021). Enfim, as informações sistematizadas nessa revisão têm por objetivo analisar quais fatores corroboraram para a prática de automedicação como estratégia de prevenção e tratamento à Covid-19.

2 MÉTODOS

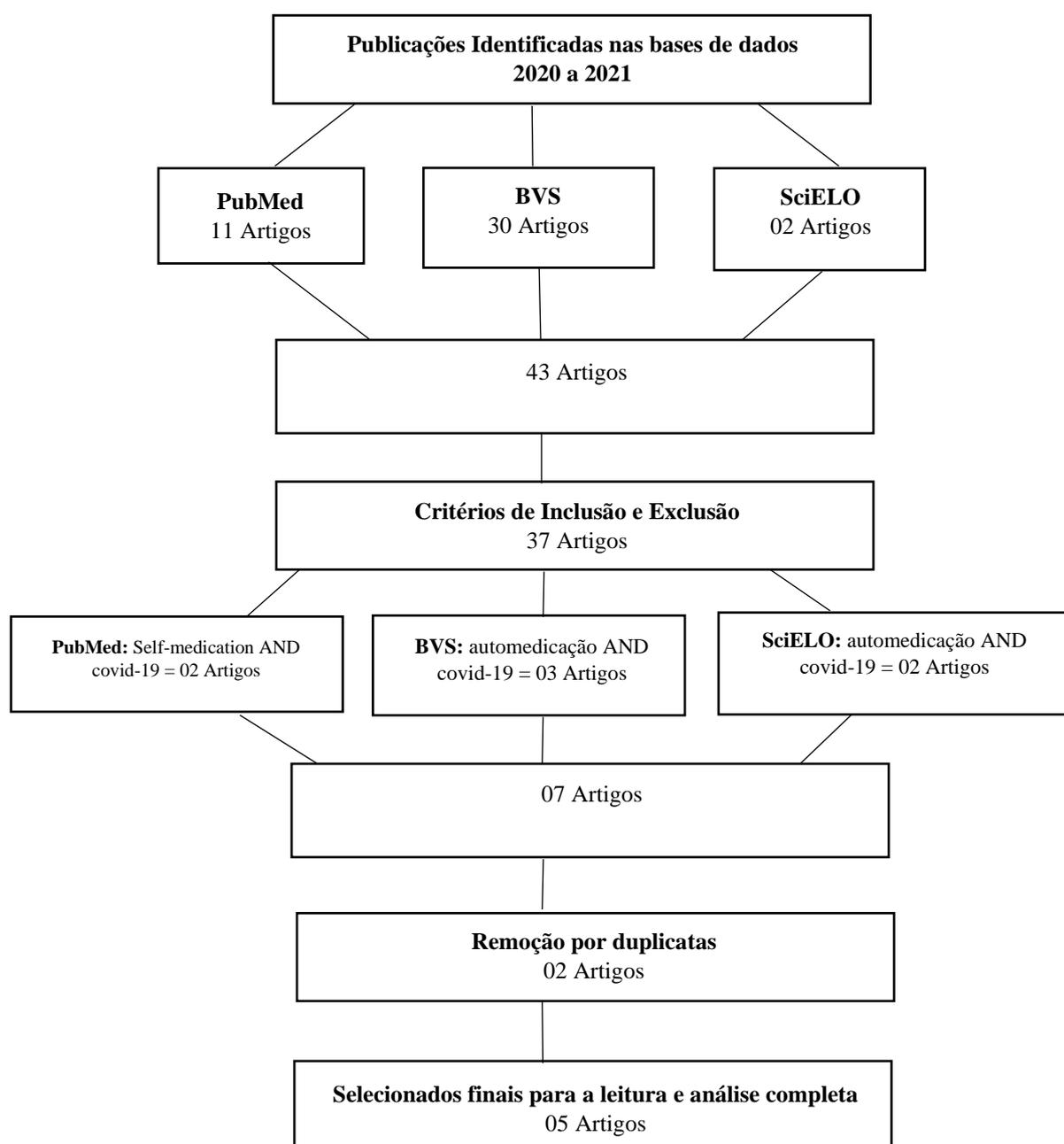
Trata-se de um estudo de revisão de literatura, do tipo narrativa, do que foi produzido e publicado acerca da automedicação durante a pandemia provocada pela Covid-19. A busca nas bases de dados eletrônicas foi realizada na Medline (*Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) após a identificação dos seguintes DeCS (Descritores em Ciências da Saúde): automedicação, Covid-19 e pandemia, e as mesmas expressões traduzidas em inglês, e com o auxílio do operador booleano *and*.

Foram incluídos estudos do período que correspondeu entre 2020 à 2021 (em razão do recente surgimento do vírus), selecionados pelo título e análise do resumo e que possivelmente pudesse responder o problema que direcionou o seu seguimento: Quais

fatores corroboraram para a prática de automedicação durante a pandemia por Covid-19? Foram excluídos os estudos de revisão, os estudos de cunho ideológicos e os estudos que não constavam os três DeCs em seus títulos e/ou resumos.

A busca foi realizada no período que correspondeu de 28 a 30 de outubro/2021 e as estratégias foram definidas da seguinte forma: PubMed: *self-medication* AND *covid-19*, BVS: automedicação AND covid-19, e por fim, SciELO: automedicação AND covid-19. Ao total foram encontrados 43 estudos (11 na PubMed, 2 na SciELO e 30 na BVS). Pelos critérios de inclusão e exclusão foram selecionados 07 artigos, dos quais dois foram excluídos porque se repetiram nas distintas bases, resultando em 05 artigos para leitura e análise integral, sendo que 02 estavam indexados na PubMed, 02 na BVS, e 01 na SciELO.

Figura 1: Fluxograma da identificação, seleção e inclusão de estudos científicos.



3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos estudos relacionados no quadro abaixo, foram destacados itens fundamentais para análise e discussão acerca dos fatores que corroboraram para a automedicação como estratégia de prevenção e tratamento à Covid-19.

Quadro 1 - Caracterização dos estudos revisados.

Autor(es)/Ano	Título	Tipo de Estudo	Objetivos	Principais Resultados
PITTA et al., 2021	Análise do perfil de automedicação em tempos de Covid-19 no Brasil.	Pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo.	Identificar o perfil brasileiro de automedicação na pandemia de COVID-19 e a reunião de informações sociodemográficas relacionadas ao uso da automedicação.	Foi encontrada uma maior prevalência da automedicação para prevenção da COVID-19 em indivíduos do sexo feminino, pertencentes a faixa etária a partir de 40 anos, de etnia indígena e preta, com nível de escolaridade de nível médio, de renda familiar média de 4-5 salários-mínimos, seguido de >10 salários mínimos e moradores das regiões Sudeste e Nordeste.
SOUZA et al., 2021.	Ocorrência de automedicação na população brasileira como estratégia preventiva ao SARS-COV-2.	Pesquisa descritiva e analítica, de natureza quantitativa.	Identificar a existência da automedicação por populares com a finalidade de prevenção ao SARS-CoV-2 e analisar os potenciais agravamentos deste uso ao organismo humano.	Os maiores índices de automedicação aos fármacos ivermectina e azitromicina, a maioria dos indivíduos adquiriram esses medicamentos através da farmácia comercial.
ISMAIL et al., 2021.	<i>Self-Medication in Africa during COVID-19 Pandemic</i> Automedicação na África durante a pandemia por Covid-19.	Pesquisa descritiva e analítica.	Examinar as consequências, efeitos e recomendações para reduzir o uso da automedicação como um hábito entre Africanos.	A automedicação está se tornando uma ameaça séria e preocupação na África à medida que os casos continuam aumentando.
TAPIA et al., 2020.	<i>Factores asociados a la automedicación con fármacos relacionados a COVID-19 en estudiantes de ciencias de la salud de una ciudad peruana.</i> Fatores associados à automedicação com medicamentos relacionado ao COVID-19 em estudantes de ciências da saúde de uma cidade peruana.	Estudo observacional, analítico e transversal.	Determinar os fatores associados à automedicação com medicamentos relacionados ao COVID-19 em estudantes de ciências da saúde de Tacna-Peru.	Dos 718 alunos, 51,3% se automedicaram. 62,2% automedicados por apresentar dois ou mais sintomas respiratórios, sendo os medicamentos mais comumente usados antipiréticos, analgésicos e corticosteróides

MELO et al., 2020.	Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da Covid-19.	Pesquisa descritiva e analítica.	Entender os múltiplos condicionantes que promoveram a prática de automedicação no Brasil durante a pandemia por Covid-19.	O resultado no Brasil foi uma avalanche de informações, medo e incertezas. Como resultado observamos estímulo coletivo ao uso irracional/irresponsável de medicamentos, seja atendendo a prescrições médicas por vezes não baseadas em evidências ou a automedicação.
-----------------------	------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Um estudo realizado no Brasil entre os meses de agosto e setembro de 2020, com 1000 participantes e tendo como objetivo identificar o perfil brasileiro de automedicação na pandemia por Covid-19, evidenciou a predominância de pessoas do gênero feminino, de faixa etária entre 24 a 39 anos, sendo em sua maioria brancas, tendo a pós-graduação como maior nível de escolaridade, renda familiar entre 5 a 10 salários-mínimos, residindo majoritariamente nas regiões Sudeste e Nordeste reconhecendo que fazem e/ou fizeram uso de automedicação (PITTA et al., 2021).

Outro estudo constando do mesmo objetivo foi realizado em julho de 2020 com 509 pessoas, residentes em doze estados brasileiros⁵, sendo que a amostra foi constituída majoritariamente também por mulheres, mas tendo o ensino fundamental completo como maior grau de escolaridade apresentou resultado diferente, aproximadamente 70% relatou não ter se automedicado durante a pandemia, e dentre os que realizaram a automedicação, o medicamento mais recorrente foi a ivermectina, seguido por azitromicina, e por suplementos vitamínicos dos tipos C e D (SOUZA et al., 2021).

Um terceiro estudo realizado com estudantes das ciências médicas e/ou da saúde em diferentes países da África, tais como Nigéria, Etiópia, Quênia e Togo apontou que a prática da automedicação africana tem relação com a própria ancestralidade (antepassados ou antecessores), ou seja, trata-se de algo cultural onde a utilização de plantas e folhas para aplicação medicinal é transmitida de geração a geração, sendo que em contexto pandêmico a automedicação farmacológica mostrou maior prevalência que a automedicação tradicional (medicina tradicional) (ISMAIL et al., 2021).

Em todos os supracitados países, as mulheres são as que mais recorrem à automedicação, inclusive estando gestantes. Para cada país foi relatada uma observação durante a pandemia: no Togo, por exemplo, quatro em cada cinco pessoas praticaram a automedicação, já no Quênia, foram oito pessoas a cada dez. A Etiópia somada com a Nigéria chegou a 77,1% o quantitativo de estudantes das ciências médicas e/ou da saúde que se automedicaram em comparação ao público geral (ISMAIL et al., 2021). Contudo, este estudo africano apresenta algumas limitações quanto aos dados sociodemográficos, não aponta por exemplo, as faixas etárias e de rendas dos grupos estudados, não sendo possível compará-lo aos estudos brasileiros.

⁵ Ceará, Pernambuco, Piauí, São Paulo, Mato Grosso, Maranhão, Paraíba, Espírito Santo, Bahia, Rio Grande do Norte, Rondônia e Rio de Janeiro.

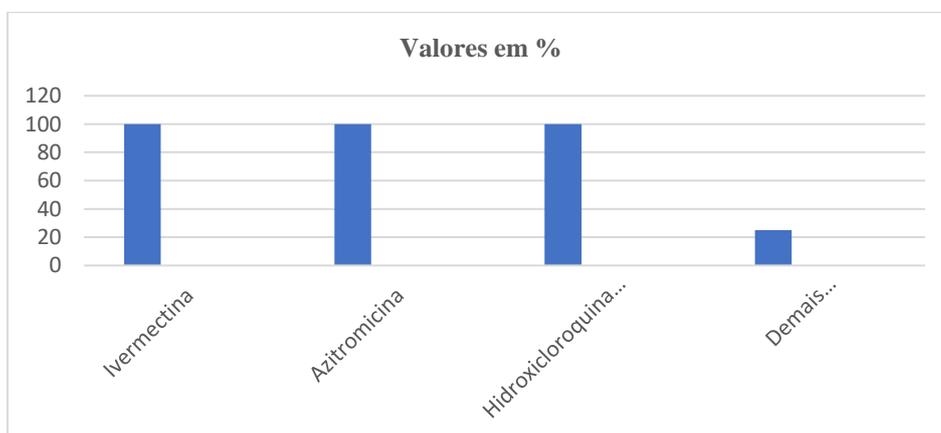
Um quarto estudo realizado em julho de 2020 com 718 estudantes da área de ciências da saúde de Tacna no Perú revelou que 51,3% dessa população se automedicou na pandemia, a prevalência foi do gênero feminino (69,1%), com idades entre 19 a 23 anos (49%), que estava com maior tempo na graduação (cerca de 3 a 4 anos), e que utilizaram como principal alegação, ter conhecimento acadêmico suficiente (59,6%) para se automedicar ao apresentar sintomas leves, não precisando, portanto, ir à consulta médica (TAPIA et al., 2020).

Uma pesquisa realizada recentemente pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF) através do Instituto Datafolha, com abrangência nacional, incluindo capitais, cidades de regiões metropolitanas e do interior de todas as regiões do Brasil, constituída por uma amostra populacional de 2.074 brasileiros com idades a partir dos 16 anos, constatou que a automedicação é uma prática usual entre 77% dos brasileiros, e revelou ainda que a frequência do uso de medicamento sem prescrição é maior entre o público feminino; onde 53% das entrevistadas informaram realizar a automedicação pelo menos uma vez por mês (CFF, 2019) - apontamentos que corroboram com o perfil evidenciado pelos estudos expostos nessa revisão (TAPIA et al., 2020; PITTA et al., 2021; ISMAIL et al., 2021).

Portanto, os estudos aqui relacionados apontaram que o perfil sociodemográfico predominante da automedicação durante a pandemia por Covid-19 é: mulher, jovem e com alto grau de escolaridade (graduação e pós-graduação).

Abaixo, a demonstração dos medicamentos mais utilizados para a automedicação durante a Covid-19 - conforme os estudos revisados. Adverte-se que em todos os estudos a ivermectina (100%), azitromicina (100%) e a hidroxicloroquina (100%) foram citadas, e em apenas um estudo (20%), outros medicamentos como nitazoxanida, paracetamol, ibuprofeno, ácido acetilsalicílico, prednisona e dexametasona foram citados.

Gráfico 1: Medicamentos utilizados para a automedicação por Covid-19 nos estudos revisados.



Fonte: Autores (2021).

O padrão de consumo de medicamentos durante a pandemia por Covid-19 elevou-se consideravelmente em diversos lugares do mundo; a busca autônoma e/ou voluntária por medicamentos dos tipos antivirais, antiparasitários e polivitamínicos provocou uma corrida sem precedentes aos balcões de farmácia, e como consequências, farmácias ficaram desabastecidas, residências viraram pontos de armazenamentos, pacientes que realmente precisavam de medicamentos para terapêutica de doenças crônicas ficaram desassistidos, e as indústrias farmacêuticas tiveram seus lucros incrementados (MELO et al., 2020). Em países como Brasil, Perú, Nigéria, Etiópia, Quênia e Togo, os medicamentos mais utilizados foram a ivermectina e a azitromicina (MELO et al., 2020; TAPIA et al., 2020; PITTA et al., 2021; SOUZA et al., 2021; ISMAIL et al., 2021).

Ambos medicamentos apresentaram um incremento exponencial nas vendas, de acordo com a fabricante *Merck Sharp & Dohme*, a ivermectina, por exemplo, passou de R\$ 44 milhões em 2019 para R\$ 409 milhões em 2020, uma alta de 829%, sendo necessário inclusive que esta fabricante - uma das responsáveis por seu desenvolvimento - viesse a público informar que os dados disponíveis não davam respaldo científico suficiente de segurança e eficácia do medicamento contra o vírus (MELO et al., 2020). No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) emitiu uma nota técnica corroborando com esse mesmo posicionamento e advertindo quanto ao uso inadequado do medicamento (MELO et al., 2020).

Sobre a azitromicina, a Anvisa através do Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC) informou que as vendas aumentaram em aproximadamente 30,8% durante a pandemia, passando de 12 milhões de caixas vendidas em 2019 para 16 milhões de caixas em 2020. O Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos (SINDUSFARMA) chegou a revelar que a pandemia movimentou um valor próximo de R\$ 500 milhões de reais em 2020 nas empresas farmacêuticas brasileiras (MELO et al., 2020).

Em razão desse uso irracional, a Anvisa publicou uma Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) de nº 351 em 20 de março de 2020, onde incluiu a hidroxiquina e a cloroquina na Lista C1 (lista de substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial) e as mesmas não puderam mais serem vendidas livremente, sem receitas, nas farmácias (ANVISA, 2020b). Em 23 de março de 2020, a Anvisa publicou uma segunda RDC de nº 354 estabelecendo modificações na anterior, facilitando o consumo das mesmas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (ANVISA, 2020c). E em 23 de julho de 2020 a Anvisa publicou a mais recente RDC de nº 405 informando que a cloroquina não faz mais parte

da Lista C1, contudo sua prescrição, dispensação e uso controlado se mantém - condições que também foram adicionadas para a ivermectina (ANVISA, 2020d).

Nos estudos relacionados nessa revisão, 9 medicamentos foram citados como os mais utilizados na automedicação contra a Covid-19: hidroxicloroquina, cloroquina, ivermectina, nitazoxanida, paracetamol, ibuprofeno, ácido acetilsalicílico, prednisona, dexametasona (TAPIA et al., 2020; PITTA et al., 2021; SOUZA et al., 2021; ISMAIL et al., 2021). Especificamente nos estudos brasileiros, foram citados com maior frequência os medicamentos que compõem o denominado “kit covid” e/ou “tratamento precoce”, à saber: hidroxicloroquina ou cloroquina, azitromicina, ivermectina, nitazoxanida, suplementos vitamínicos de zinco e das vitaminas C e D - recaem sobre todos a insuficiência de evidências científicas conclusivas para o uso com finalidade terapêutica e/ou de prevenção à Covid-19 (MELO et al., 2020).

Os estudos brasileiros atribuíram a automedicação à credibilidade que a população brasileira destinou ao supracitado “tratamento precoce”, que mesmo em direção contrária ao que determina a OMS e conseqüentemente, as evidências científicas, foi amplamente incentivado por autoridades públicas, por mídias sociais (tais como *instagram*, *facebook* e *whatsapp*) e por profissionais de saúde. O incentivo ao “tratamento precoce” foi postado nas páginas oficiais de Secretárias de Saúde (municipais e estaduais) e também do Governo Federal do Brasil (MELO et al., 2021).

No Brasil, há dois movimentos paralelos e entrecruzados ao mesmo tempo. De um lado o incentivo ao “kit covid” e “tratamento precoce” como abordagens terapêuticas à Covid-19, e de outro lado, o negacionismo científico refutando a gravidade do vírus e propagando *fake news* “que agem de forma tendenciosa e com apoio ideológico contrário às afirmativas da ciência” (MARQUES, RAIMUNDO, 2021, p.67). Neste sentido, a fomentação do negacionismo científico deu-se através de conspirações acerca da origem do coronavírus, de sua cura, do não cumprimento dos protocolos sanitários, do incentivo as aglomerações, do uso de medicamentos sem comprovação científica de eficácia (automedicação), de alterações genéticas a serem provocadas por vacinas, da introdução de *microchips* de espionagem através da vacina e do movimento antivacina (MARQUES, RAIMUNDO, 2021).

Já o estudo africano apontou que os medicamentos recorrentes aos africanos para a automedicação na pandemia foram a azitromicina, ivermectina, a hidroxicloroquina e as multivitaminas compostas por zinco. Apesar de o estudo não ter apresentado dados sociodemográficos (renda, nível de escolaridade, faixa etária), atribuiu a automedicação

a fatores sociais como a baixa escolaridade, o baixo desenvolvimento econômico, o acesso limitado aos cuidados de saúde, as instalações precárias de saúde e ao alto custo dos medicamentos que fazem com que muitas pessoas procurem por drogas mais baratas e alternativas não convencionais. O estudo adverte ainda que as pessoas na África têm pouco conhecimento acerca dos riscos associados a automedicação e recomenda que as autoridades apresentem planos apropriados para o uso de medicamentos, com boa relação custo-benefício e acessibilidade às consultas médicas (ISMAIL et al., 2021).

O estudo peruano também apontou a ivermectina e a azitromicina como principais medicamentos utilizados na automedicação, contudo outros medicamentos foram citados, mas com uma frequência significativamente inferior⁶. Similar ao que aconteceu nos estudos brasileiros aqui demonstrados, o estudo peruano atribuiu a automedicação contra a Covid-19 às autoridades políticas do país, sobretudo, ao Ministério da Saúde do Perú que também incentivou o uso de um grupo de medicamentos (ivermectina, hidroxicloroquina ou fosfato de cloroquina e azitromicina) sem nenhum benefício clínico comprovado (TAPIA et al., 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora existam vacinas de diversos laboratórios fabricantes, até o momento ainda não existem medicamentos antivirais específicos para prevenir e/ou tratar a Covid-19. Deste modo, medicamentos sem eficácia comprovada para o uso com tais finalidades foram utilizados para automedicação em distintos lugares do mundo, como Brasil, Perú e países africanos como Nigéria, Togo, Quênia e Etiópia.

No Brasil, os fatores que corroboraram com esta prática no início da pandemia foram sobretudo, ideológicos, de um lado, a tese introduzida por autoridades políticas e até por órgãos da saúde como o Ministério da Saúde de que existiria um “tratamento precoce”, do outro lado, esses mesmos atores refutaram a gravidade do vírus, com o negacionismo científico. Em Tacna, Perú, os mesmos fatores corroboraram para a automedicação; e em países africanos foram os fatores sociais, tais como: restrições de acesso aos cuidados médicos durante a pandemia, desinformação causada pelo baixo nível de escolaridade e uma infraestrutura de saúde subdesenvolvida.

Essa Revisão sugere como estratégia de enfrentamento a esse problema de saúde pública em que se constitui a automedicação, a ampliação de acesso às informações e às

⁶ Nitazoxanida, paracetamol, ibuprofeno, ácido acetilsalicílico, prednisona e dexametasona foram citados.

evidências científicas. Para tanto, que mais pesquisas sejam desenvolvidas relatando, disseminando e sensibilizando quanto as controvérsias acerca de medicamentos sem eficácia, bem como os efeitos e repercussões do uso inadequado de medicamentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Agência nacional de vigilância sanitária, resolução da diretoria colegiada - RDC nº 351, de 20 março de 2020. Ministério da Saúde. 2020b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/Resolucao%20n%C2%BA%20351-ANVISA.htm. Acesso em: 26/11/2021.

BRASIL. Agência nacional de vigilância sanitária, resolução da diretoria colegiada, RDC nº 354, de 23 março de 2020. Ministério da Saúde. 2020c. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-rdc-n-354-de-23-de-marco-de-2020-249317430>. Acesso em: 26/11/2021.

BRASIL. Agência nacional de vigilância sanitária, resolução da diretoria colegiada RDC nº 405, de 23 de julho de 2020. Ministério da Saúde. 2020d. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-de-diretoria-colegiada-rdc-n-405-de-22-de-julho-de-2020-268192342>. Acesso em: 26/11/2021.

BRASIL. Orientações da OMS para o enfrentamento da pandemia pelo novo coronavírus. Ministério da Saúde. 2020a. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 15/11/2021.

CFE (CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA). **Uso de medicamentos**: relatório final. Datafolha: Instituto de Pesquisas, abril de 2019. Disponível em: https://www.cff.org.br/userfiles/file/Uso%20de%20Medicamentos%20-%20Relat%c3%b3rio%20_final.pdf. Acesso em: 08/11/2021.

CORRÊA, Marilena Cordeiro Dias Villela; VILARINHO, Luiz; BARROSO, Wanise Borges Gouvea. Controvérsias em torno do uso experimental da cloroquina/hidroxicloroquina contra a Covid-19: “no magic bullet”. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30(2), 2020, 21p. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/physis/2020.v30n2/e300217/pt/>. Acesso em: 26/11/2021.

ISMAIL, Zainab; MOHAN, Anmol; NGENDA HAYO, Christophe; TUNDE, Aborode Abdullahi; ABID, Arooj; COSTA, Ana Carla dos Santos; AHMAD, Shoaib; ESSAR, Mohammad Yasir. Self-medication in Africa during COVID-19 pandemic. *Pharmacy Practice & Practice-Based Research*, Article 1, v.12, n.4, 2021. Disponível em: <https://pubs.lib.umn.edu/index.php/innovations/article/view/4234/2946>. Acesso em: 05/11/2021.

LIMA, Gustavo William; CARDOSO, Bárbara Gatti; SIMIÃO, Daniela Carolina; AMORIM, Juliana Mendes; SILVA, Cristine de Araújo; BRITO, Júlio César Moreira. Uso irracional de medicamentos e plantas medicinais contra a COVID-19 (SARS-CoV-2): um problema emergente. *Brazilian Journal of Health and Pharmacy*, v.2, n.3, p.37-53, 2020. DOI: <https://doi.org/10.29327/226760.2.3-5>. Disponível em: <http://revistacientifica.crfmg.emnuvens.com.br>. Acesso em: 15/11/2021.

MARQUES, Ronualdo; RAIMUNDO, Jerry Adriano. O negacionismo científico na pandemia da covid-19. *Boletim de Conjuntura*, ano III, v.7, nº 20, Boa Vista, 2021. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/353827632_O_negacionismo_cientifico_refletido_na_pandemia_da_COVID-19. Acesso em: 20/11/2021.

MELO, José Romério Rabelo; DUARTE, Elisabeth Carmen; MORAES, Marcelo Vogler de; FLECK, Karen; ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. Escola Nacional de Saúde Pública, **Cadernos de Saúde Pública**, v.37, n.4, Rio de Janeiro, abril de 2021. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1350/automedicacao-e-uso-indiscriminado-de-medicamentos-durante-a-pandemia-da-covid-19>. Acesso em: 16/11/2021.

PITTA, Marina Galdino da Rocha; LIMA, Luzilene Pereira de; CARVALHO, Jordy Silva de; TEIXEIRA, Diego Rodrigues Cravo; NUNES, Tiago Rafael de Sousa; MOURA, José Arion da Silva; VIANA, Douglas Carvalho Francisco; PITTA, Ivan da Rocha. Análise do perfil da automedicação na pandemia de COVID-19 no Brasil. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v.10, n.11, 14p. 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19296>. Acesso em: 02/15/2021.

SILVA, Alícia de Freitas Silva; JESUS, Jefferson Silva Pinho de; RODRIGUES, Juliana Lima Gomes. Automedicação na pandemia do novo coronavírus. **Revista Íbero Americana de Humanidades, Ciências e Educação (REASE)**, v.7, n.4, abril de 2021, pp.938-947. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1038/496>. Acesso em: 08/11/2021.

SOUZA, Maria Nathalya Costa; RICARDINO, Isadora Ellen Feitoza; SAMPAIO, Kennedy; SILVA, Marcolino Ribeiro; LIMA, Ana Patrícia Gomes de; FERNANDES, Danilo Leite; SAMPAIO, Adalberto Cruz; FEITOSA, Andréa Couto; BRITO, Alessandra Bezerra de; GUEDES, Tarciana Oliveira; MOTA, Magaly Lima. Ocorrência de automedicação na população brasileira como estratégia preventiva da SARS-CoV-2. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v.10, n.1, pág. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11933/10726>. Acesso em: 02/11/2021.

TAPIA, Armando Miñan; ESCOBAR, Aram Conde; ARCE, Dereck Calderon; OLAZO, Dalia Cáceres; RIOS, Alexandra Johanna Peña; ROMERO, Roberto Carlos Donoso. **Factores asociados a la automedicación con fármacos relacionados a COVID-19 en estudiantes de ciencias de la salud de una ciudad peruana**. 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1225/1880>. Acesso em: 17/11/2021.

WHO (WORLD HEALTH ORGANIZATION). **Painel do coronavírus da OMS (COVID-19)**. Atualizado em janeiro de 2021. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 26/11/2021.

WHO (WORLD HEALTH ORGANIZATION). **The role of the pharmacist in self-care and self-medication: report of the 4th WHO consultative group on the role of the pharmacist**. The Hague, The Netherlands, 26-28 august 1998. Geneva: World Health Organization; 1998.